APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS NA EAD DA ALDEIA GLOBAL

Luli Hata¹, Maria Eliza Nigro Jorge²

¹Universidade Estadual de Londrina – UEL. Doutorado, bolsista CAPES, Londrina – PR. ²Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. Presidente Prudente – SP. E-mail: hata.luli@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo propõe a reflexão a respeito do atual contexto de Educação a Distância (EaD), a partir de uma pesquisa de natureza bibliográfica, levando em consideração aspectos políticos, tecnológicos e econômicos, bem como o perfil dos agentes envolvidos: alunos e tutores. Na medida em que se descortina a realidade de uma computação ubíqua, e que se verifica uma aceleração da inovação tecnológica, é preciso pensar em como essa realidade interfere nas relações de ensino e aprendizagem e o que está em jogo. À luz dos pressupostos de Umberto Eco e Vilém Flusser, foi possível perceber um panorama de oposição em discursos a respeito da desconfiança ou total adesão ao uso das tecnologias computacionais e questionamentos em relação a metodologias de ensino obsoletas no atual contexto tecnológico. Sem encerrar uma conclusão, aponta-se para os vieses a se considerar para a inclusão digital, educativa e social que torne a cidadania efetiva.

Palavras-chave: Educação a distância. Metodologia de ensino. Estilos de aprendizagem. Tecnologia. Cidadania.

APOCALYPTIC AND INTEGRATED IN E-LEARNING GLOBAL VILLAGE

ABSTRACT

This paper proposes a reflection on the current context of E-learning (EaD), through the analysis of literature, taking account political, technological and economic aspects as well as the profile of the agents involved: students and tutors. Insofar as it reveals the reality of ubiquitous computing, at same time of an acceleration of technological innovation, we must think about how this reality interferes in the relations of teaching and learning and what is at stake. In light of the assumptions of Umberto Eco and Vilém Flusser, it was possible to see a panorama of opposition speeches about the distrust or total adherence to the use of computer technologies and questions concerning the outdated teaching methodologies in the current technological context. The intent of the analysis is not to close a conclusion, but point to the various tendencies to consider for digital, educational and social inclusion becomes effective citizenship.

Keywords: E-learning. Teaching methodology. Learning styles. Technology. Citizenship.

[Ao homem de cultura] cumpriria elaborar uma
nova imagem de homem em relação aos
sistemas de condicionamentos; um homem não
libertado *pela* máquina, *mas livre em relação à*
máquina.

Umberto Eco, *Apocalípticos e integrados*

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta do trabalho de conclusão do curso em nível de aperfeiçoamento *Tutoria em EAD*, oferecido pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). A proposta foi investigar metodologias e práticas envolvidas na condução de um curso à distância, para entender os papéis de alunos e tutores na relação de ensino-aprendizagem. Chamou à atenção um grande número de discursos em apoio ao uso de tecnologias no ensino, especialmente com o argumento de que os jovens atuais estão mais aptos ao ambiente tecnológico. Entretanto, alguns aspectos abordados e textos menos entusiasmados apontam para a necessidade de reflexão sobre as variáveis envolvidas para a efetiva inclusão digital, consciente e propícia para o exercício da cidadania.

Cultura, educação e mídia

Na rede, além do uso para as telecomunicações, é possível encontrar entretenimento, informação jornalística e boatos, sob uma relação de consumo e venda, além de, propriamente, haver o comércio eletrônico de produtos. É possível, também, encontrar trabalhos acadêmicos, cultura e jornalismo de resistência, assim como EaD de qualidade. Com essa configuração, o perfil do aluno em confronto com metodologias de ensino é assunto de investigação e debate, tanto no ensino presencial quanto a distância. Muito se fala a respeito do perfil da geração que já nasceu ambientado com a tecnologia, que “evita acompanhar argumentos lineares que não permitem a sua interferência e lida facilmente com ambientes midiáticos que dependem de seu gesto instaurador”, “consciente das tentativas de programá-lo (SILVA, 2008, p. 70)”. Silva (idem) descreve a passagem de um espectador passivo da TV (a qual impõe uma programação e tem estratégias de manter a atenção), ao ativo (aquele que busca na internet os conteúdos que lhe interessam). Há, entretanto, um aspecto idealizado desse espectador. Pois os conteúdos, cada vez mais, passam por um controle do mundo dos negócios, regido pelo lucro. E nem todos têm a consciência e capacidade de esquivar-se das tentativas de programá-lo, haja vista o número de replicações acríticas de textos e informações em diferentes *sites*. Isto é, o mesmo texto pode ser encontrado em locais diversos na rede. Há uma interatividade limitada, influenciando também a produção pessoal, em grande parte conformada à visão dominante, isto é, o uso que se faz das informações não ocorre de forma consciente e crítica. É conveniente lembrar que o nome que se dá ao espectador ativo diante da tela do computador é “usuário”, ou seja, aquele que “usa” o *software* e a *interface* interativa. O usuário corresponde ao “funcionário” de Flusser (1985), o sujeito que utiliza o aparelho desconhecendo as intenções do programa nele instalado, ou seja, o *software*. É também quem instala programas em aparelhos. “Se o funcionário estiver consciente

das causas e efeitos do seu funcionamento, jamais funcionará corretamente. [...] A repressão da consciência histórica é indispensável para o funcionamento [correto do programa] (idem, p. 64)”. Para o autor, o fotógrafo seria aquele que procura “inserir na imagem informações imprevistas pelo aparelho” (idem, p. 9). Porém, o fotógrafo também corre o risco de ser iludido pelo programa. Saber utilizar as tecnologias “não é apenas um problema técnico” (DOWBOR apud MIRANDA, VASCONCELOS, *et al.*, 2006, p. 165).

Embora haja poder de decisão e escolha caracterizando a interatividade, o ambiente da rede se configura como intensificação da *mass media* e de relações de consumo e venda. Portanto, as possibilidades podem ser *amplas*, mas são *limitadas*. Não basta compreender a informação, é preciso reformular, produzir e gerar informação. Ou seja, na sociedade informacional, é preciso saber lidar com a informação. Portanto, não é apenas a presença de um aluno interativo, acostumado ao ambiente tecnológico, que exige mudanças metodológicas na sala de aula presencial ou virtual.

É preciso refletir sobre a colocação de Umberto Eco, a respeito da constituição de um “homem não libertado *pela* máquina, *mas livre em relação à máquina* (ECO, 1976, p. 16. Grifo do autor). Ao analisar a postura apocalíptica de estudiosos em relação à ascensão de “classes subalternas” com sua “cultura popular” e consolidação da indústria cultural e da cultura de massas, Eco exige do homem de cultura “uma atitude de indagação construtiva (idem, p. 35)” aplicada ao novo modelo humano, “e não em nostálgica referência ao velho”. Entre apocalípticos (os “homens de cultura”, que defendem um estatuto de alta cultura) e integrados (os entusiastas da nova ordem cultural midiática e de massas), Eco propõe uma outra saída, crítica e ética, com discussão dos sistemas de valores, e aponta para a necessidade de se elaborar “novos modelos ético-pedagógicos (idem, p. 35)”.

É interessante introduzir aqui as reflexões de Márcia Tiburi (2013). A filósofa afirma que há um esvaziamento dos conceitos de ética e educação, proporcional à medida em que são proferidos. Fala-se muito em ética, mas não há conversão em ação. A educação, na sociedade informacional, está transformada em mercadoria e prestação de serviços, estabelecendo uma relação de hipocrisia entre os que fingem ensinar e os que fingem aprender, regidos pela lógica do lucro. Ela propõe uma contra-educação, que seria “o conjunto dos diálogos, debates e práticas que visam justamente desmontar discursos e práticas pré-estabelecidos como verdadeiros no campo da educação. [...] o contrário da educação humilhada pela dominação (TIBURI, 2013, p. 57). Para ela, comparando a educação ao campo da cultura visual, a contra-educação seria a arte

contemporânea e a educação, a publicidade. A primeira, provoca estranhamentos. A segunda, realiza o discurso através de lugares-comuns.

Por outro lado, existem afirmações sobre a necessidade de investimento em educação para que o país esteja adequadamente inserido na economia global (PEREIRA e PACHECO, s. d. , p. 49), o que é prontamente criticado por Marcia Tiburi (2013), pois a finalidade da educação não pode se restringir à demanda de mercado.

A iniciativa em relação à ampliação de vagas para os cursos superiores de ensino e profissionalizantes, sem dúvida, é muito importante no contexto brasileiro, especialmente através do programa UAB (Universidade Aberta do Brasil), sustentado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que se baseia na oferta de cursos a distância. Porém, conforme Tiburi, a finalidade da educação está muito além do mercado de trabalho e da satisfação ao capitalismo. E, concordando com a filósofa, Pereira e Pacheco (p. 71) afirmam: “muito há que se fazer a fim de promover a educação superior de qualidade para a população para se ter cada vez mais cidadãos com formação técnica e crítica e que sejam atuantes na sociedade”. Portanto, a cidadania, além da formação técnica e crítica, deve estar no escopo da educação. Junto a ela, o exercício da verdadeira democracia.

EaD e os principais atores envolvidos

Já se apontou, neste artigo, algumas das implicações da TI na atual configuração da sociedade, da economia global e da natureza ou qualidade dos usuários. No excerto a seguir, temos um outro problema, o da premência do aprendizado em TI:

A indústria, o comércio, o setor educacional e os setores de serviços e entretenimento estão criando uma dependência em relação aos recursos da TI e, por efeito cascata, forçam pessoas e organizações a se adaptarem a um novo modelo de convivência, comportamento e aprendizagem. Rifkin (2001) afirma que dominar o uso das tecnologias é fundamental para que se possa participar das redes de relacionamento e ter acesso à cultura, ao trabalho e à vida social. Segundo o autor, o verbo acessar é uma nova forma de distinção e divisão social (MIRANDA, VASCONCELOS, *et al.*, 2006, p. 164).

As pessoas são “forçadas a dominar o uso das tecnologias”, caso contrário, estarão alijadas do processo social, econômico e cultural. No setor educacional, há uma exigência cada vez maior em relação ao uso da TI, por parte de professores e alunos, sendo um bom exemplo o preenchimento do Curriculum Lattes. Na área administrativa, em função do gerenciamento se dar

com base no informacionalismo, a exigência é maior. Em uma pesquisa realizada com 158 IES brasileiras, constatou-se:

[...] a competência em informática é uma exigência para 33% dos alunos, 42% dos professores e 65% para o pessoal administrativo”. A pesquisa do Comitê Gestor de Informática (CGI) (2005) ainda completa que, entre as pessoas que têm habilidade com computadores e *internet*, dentro da população brasileira, 17,83% a adquiriram em escola de informática, 13,06%, por conta própria, 11,27%, com parentes, amigos e colegas, 8,85%, em uma instituição formal de ensino e 2,19%, em cursos patrocinados pelo governo (MIRANDA, VASCONCELOS, *et al.*, 2006, p. 165-166).

No âmbito da EaD, há exigências ainda maiores, além da familiaridade com os recursos tecnológicos. Em entrevista, Fredric Litto (s. d.), o mesmo autor responsável pela pesquisa supracitada, afirma que o aluno de pós-graduação tem melhores condições de se dedicar na modalidade EaD por causa da maturidade, do conhecimento prévio na área e capacidade de realizar estudos mais avançados. Como a oferta e a procura por cursos de graduação têm aumentado, alerta para a necessidade de ser proativo e disciplinado. Com efeito, em estudo sobre o perfil dos estudantes no Vale do São Francisco (SOUZA, 2012), foi observada a necessidade de atenção especial ao aluno EaD mais jovem, cuja imaturidade frente ao modelo proposto leva à desmotivação.

Esse estudo, assim como outro realizado a partir do curso de Administração oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (PEREIRA e PACHECO, s. d.), revelam o perfil do aluno em relação a gênero e condição sócio-econômica. Esta análise abrange o estado de Roraima, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul, onde há os polos presenciais. Em ambos os estudos, a maioria dos estudantes é do sexo feminino, tem mais de 26 anos e concluiu o ensino médio em escolas públicas. Na região do Vale do São Francisco, as instituições a oferecerem o curso a distância são particulares, sendo as mensalidades menores que as dos cursos presenciais. Essa pesquisa revela que a maioria das mulheres é mãe de pelo menos um filho e trabalha. Assim, configura-se uma estudante que tem função quadruplicada (o trabalho, os afazeres domésticos, os cuidados com os filhos e os estudos), o que não influencia o seu desempenho em comparação ao público masculino. Os estudos confirmam as estatísticas nacionais atuais, mas o quadro pode se modificar, na medida em que se consolidam a qualidade dos cursos oferecidos na modalidade EaD.

Dessa forma, torna-se importante considerar os estilos de aprendizagem, especificamente no ambiente virtual. Nesse sentido, a investigação de Daniela Malaré de Barros (2009) pode ser uma boa contribuição. A proposta é potencializar os elementos de cada estilo, não apenas

adequar as ferramentas aos estilos de aprendizagem. Segundo a pesquisadora, o virtual modificou uma diversidade de aspectos que influenciam o ser humano: a visualidade da informação, sua diversidade e excesso de movimentos, com uma noção de possibilidade de seleção. A percepção deixa de ser linear, pois a informação pode ser disponibilizada em forma de texto, em um portal, em imagens e acessada através de *hiperlinks*, em navegação não linear. Outra característica é a interatividade da informação virtual, a possibilidade de realizar interferências e modificações. Os estímulos são assimilados com maior rapidez, e há uma capacidade de atenção à diversidade de opções simultâneas. Embora a pesquisa tenha se restringido ao universo acadêmico de estudantes e professores, em países de língua portuguesa e espanhola, é um material de apoio importante.

Por outro lado, emerge no cenário da EaD a figura do professor tutor. No âmbito da UAB, o tutor não é professor e inclusive, tem uma bolsa menor que o professor responsável pelo conteúdo e/ou disciplina. É um graduado na área que faz a mediação entre estudante e professor. A profissão não está regulamentada e, assim, em algumas instituições, o tutor é o professor, ou seja, o responsável pela função pedagógica, gerencial, técnica e social, como mediador do conhecimento (SOEK e GOMES, 2008). Ou seja, há discrepâncias na função designada ao professor tutor: em uma instituição acompanha o professor responsável pelo conteúdo desde a etapa de planejamento; em outra divide-se na figura do tutor presencial e virtual; em outra, o tutor é um especialista na área que responde às dúvidas por internet em horários marcados e é apoiado por um monitor na sala de aula, geralmente um dos alunos.

As exigências do professor tutor referem-se ao domínio da TI, à capacidade de adaptação de sua metodologia de ensino para as ferramentas disponíveis, assim como um rigoroso planejamento das atividades de natureza diversificada: fóruns de discussão para a interação do grupo e sociabilidade, disponibilização do plano de atividades, estímulo à pesquisa e busca de conteúdos, estímulo ao debate e à reflexão.

Nesse sentido, o maior desafio para o professor tutor é vivenciar uma prática tutorial mediada pela tecnologia e valorizar a comunicação presencial e virtual, equilibrando a presença e a distância. É preciso aprender a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social (SOEK e GOMES, 2008, p. 174).

E, mais do que tudo, ao professor tutor é conferida a tarefa de aliar ética na educação, levando em consideração o perfil do aluno ingressante e seu contexto social, observando os valores ali inseridos.

Daí a importância em qualificar o trabalho do tutor como uma atividade que ultrapasse a dimensão moral na direção da postura ética, já que apenas essa

última é capaz de reproduzir a qualidade necessária aos nossos cursos de educação a distância (SOEK e GOMES, 2008, p. 175).

Desse modo, a contra-educação proposta por Marcia Tiburi ganha eco não apenas na educação presencial, mas na EaD.

PALAVRAS FINAIS

O entendimento em relação ao contexto social atual (baseado na informação), assim como os mecanismos da sua engrenagem, o conhecimento do perfil do ingressante nos cursos de EaD e as reflexões em relação à ética e educação são necessários para “formar um *cidadão mais ético e social*, e não só um profissional solucionador de problemas sociais (SOUZA, 2012, p. 22. Grifo nosso)”. Em EaD, a utilização dos diversos recursos tecnológicos se faz necessária na medida em que a educação tem como poderosas concorrentes as produções estéticas que não geram reflexão (certas produções cinematográficas, publicidade, programação geral da TV etc.) e a própria internet. Jogos *on line* permitem a interação com outras pessoas em um ambiente em que a identidade real não precisa ser evidenciada. Assim como a TV direciona suas imagens ao corpo, sem permitir o tempo de reflexão a um estímulo complexo (KERCKHOVE, 1997), as imagens e informações presentes na rede disputam o olhar do sujeito na medida em que a sobrevivência das empresas depende de sua visibilidade (em grande medida por causa da “limpeza” promovida por inúmeras prefeituras em relação à poluição visual no ambiente urbano) e, dada a certa liberdade de o usuário fazer escolhas, a superexposição na internet se torna crucial.

A interatividade possibilitada pelo virtual é relativa e limitada quando o usuário não tem grandes conhecimentos em TI. É proativa nos casos de elaboração e contribuição na construção de *softwares* livres, o que, em si, já é um sinal de rejeição aos pressupostos da economia global neoimperialista.

Mais do que soluções tecnológicas de última geração e exploração de todos os recursos, na educação o que realmente importa é a mudança de atitude, no sentido de incorporação da ética e de uma dimensão humana na mediação entre o conhecimento e o educando, em ambas as modalidades de ensino. Sem dúvida, essa postura muda a metodologia, que deve deixar de ser unidirecional para permitir a expansão e a participação de todos os envolvidos (SILVA, 2009)¹.

¹ Na minha experiência docente, percebo que uma parte dos estudantes espera respostas prontas às questões, prefere decorar informações a refletir. O incentivo à participação em Iniciação Científica modifica o quadro. Algumas escolas do Ensino Fundamental e Médio possuem metodologia que privilegia a interdisciplinaridade, o que tem se mostrado interessante, pois prepara o aluno para a pesquisa e estabelecimento de relações entre temas e assuntos. Portanto, não é exatamente a experiência com a rede que garante um aluno proativo, há inúmeros fatores envolvidos. O “ato interativo” mais comum é o aluno “desconectar-se” quando o assunto não interessa, já que não pode desligar o professor.

Em algumas passagens das pesquisas e artigos analisados, percebe-se a inclusão da palavra “cidadania” no contexto da EaD. A ideia se apoia no discurso de inclusão digital, que é questionado enquanto acesso a recursos materiais para integração à rede. O que se almeja é o acesso à efetiva cidadania através da educação formal, crítica, reflexiva e artística (dos sentidos), com acesso aos bens culturais. É um posicionamento que pende para o otimismo, presente em Eco (1976), Castells (1999), Kerkhove (1997) e Jambeiro (2009), entre outros.

No âmbito da UAB, o foco na formação de professores da educação infantil é um passo para a melhoria da qualidade da formação básica da população brasileira, mas ainda há muito a ser feito. Além de investimento em infraestrutura e melhores condições aos profissionais envolvidos, são necessárias modificações profundas nas relações, pautadas pela ética, pela consideração ao outro e pela educação provocativa, que acende o diálogo e as reflexões. É neste ponto, na educação como provocação, como faísca para a fogueira, que está a chave da verdadeira interatividade.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à equipe do curso Tutoria em EaD, a qual me colocou em contato com uma rica discussão em relação aos novos horizontes em ensino-aprendizagem, assim como aos colegas de curso, proporcionando a reflexão ora apresentada. Especial agradecimento à professora Maria Elisa Nigro Jorge, responsável pela orientação no TCC; à Ana Lucia Farao Carneiro de Siqueira e Cristiane Maciel Rizo, pelo acompanhamento no curso e pela imensa paciência.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. M. Estilos de uso do espaço virtual: como se aprende e se ensina no virtual? **Inter-Ação**, Goiânia, v. 34 (1), p. 51-74, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.aberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2052/1/artigo%20Daniela.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2013.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede - a era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 1999.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

JAMBEIRO, O. Os pilares estruturais das comunicações contemporâneas. In: TRIVINHO, E.; CAZELOTO, E. (org.). **Cibercultura e seu espelho**: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber; Itaú Cultural; CAPES, 2009.

KERCKHOVE, D. **A pele da cultura**. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

LITTO, F. Fredric Litto fala sobre educação a distância. **Nova Escola**, São Paulo, s. d. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/fredric-litto-educacao-distancia-511773.shtml>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

MIRANDA, A. L. P. D. et al. Avaliação das habilidades em TI: um estudo do ensino de informática no curso de Administração. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, v. 3 no. 2, p. 163-192, 2006. ISSN 1807-1775. Disponível em: <<http://www.jistem.fea.usp.br/index.php/jistem/article/viewFile/10.4301%252FS1807-17752006000200005/58>>.

PEREIRA, A. R.; PACHECO, A. S. V. PERFIL DOS EGRESSOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO EAD/UFSC/UAB E A CONSONÂNCIA COM A POLÍTICA EDUCACIONAL DE EAD. **Coleção Gestão Pública**, v. 6, p. 41-74, s. d.. Disponível em: <<http://labgestao.ufsc.br/portal/wp-content/uploads/2014/02/Anais-GP-Volume-6-Artigo-2.pdf>>.

SILVA, M. Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, no. 37 dez. 2008. Disponível em: <http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/extensao/mec/Ambientacao_EAD_e_Acao_Tutorial/aula_01/imagens/02/Aula01_topico02_texto01_Cibercultura_e_educacao.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2014.

_____. Educação presencial e online: sugestões de interatividade na cibercultura. In: TRIVINHO, E.; CAZELOTO, E. (org.). **A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa**. São Paulo: ABCiber; Itaú Cultural, 2009. ISBN 978-85-63368-00-3.

SOEK, M.; GOMES, D. L. As relações de ensino/aprendizagem na Educação a Distância e o trabalho do tutor como mediador do conhecimento. **Revista intersabeeres**, p. 166-176, jul./dez. 2008. ISSN 1809-7286. Disponível em: <<http://www.grupouninter.com.br/intersaberes/index.php/revista/article/view/136>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

SOUZA, L. B. Educação Superior a Distância: o perfil do "novo" aluno sanfranciscano. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, v. 11, p. 21-33, 2012. ISSN 1806-1362. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2012/artigo_02_v112012.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2013.

TIBURI, M. Contra-educação: uma reflexão sobre ética e educação. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 10, n. 1, p. 35-57, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch>>. Acesso em: 20 jan. 2014.